

“Eu quero brincar em paz”: os efeitos dos discursos produzidos sobre a favela no cotidiano das crianças que habitam esses territórios

“I want to play in peace”: the effects of the discourses produced about the favela in the daily lives of children who inhabit these territories

Gabriel Lima Simões
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Michelly Ferreira da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Partindo dos estudos de Michel Foucault sobre a análise de discursos, este artigo problematiza o modo como são produzidos e disseminados os discursos acerca das favelas do Rio de Janeiro. Desde sua expansão no final do século XIX as favelas cariocas têm sido associadas a locais de criminalidade, perigo e foco de doenças. Desconstruindo a ideia de que a falta de infraestrutura e a pouca oferta de serviços nesses territórios seriam falhas na atuação do Estado, o texto discute como a propagação destes discursos tem moldado a relação da sociedade com as favelas e com seus moradores. Como estratégia de enfrentamento a estes processos de subjetivação, grupos de moradores de favelas têm encontrado nas ações coletivas a força para sobreviver. Como exemplo desses movimentos de luta, este artigo apresenta um projeto desenvolvido por moradores do Complexo de Favelas de Manguinhos que tem permitido com que as crianças ressignifiquem as dores e os medos provocados pelo constante clima de violência presente no local que vivem, assegurando-lhes um espaço para brincar em paz.

Palavras-chave: Favela; Discurso; Violência; Criança

Abstract: Starting from Michel Foucault's studies on discourse analysis, this article problematizes the way in which discourses about the favelas of Rio de Janeiro are produced and disseminated. Since its expansion in the late 19th century, Rio's favelas have been associated with places of crime, danger and disease hotspots. Deconstructing the idea that the lack of infrastructure and the limited supply of services in these territories would be failures in the State's actions, the text discusses how the propagation of these discourses has shaped society's relationship with the favelas and their residents. As a strategy to face these processes of subjectivation, groups of favela residents have found in collective actions the strength to survive. As an example of these struggle movements, this article presents a project developed by residents of the Complexo of Favela of Manguinhos that has allowed children to give new



meaning to the pain and fears caused by the constant climate of violence present in the place where they live, assuring them a space to play in peace.

Keywords: Favela; Speech; Violence; Children

Em seu livro *A ordem do discurso*, Michel Foucault analisa como os discursos encontrados em uma sociedade exercem funções de controle, de limitação e validação das regras de poder dessa mesma sociedade. O autor entende que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar. Lutamos por meio dos discursos que produzimos, mas também lutamos para produzir discursos (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Pensar o cotidiano das favelas é trazer para a análise o modo como se construiu um discurso a respeito da moradia da população pobre como sendo local da desordem, marginalidade, doenças e insegurança. Esses discursos, que podem ser proferidos de diversas formas e linguagens, vão sendo socialmente incorporados, repassados e ressignificados.

Podemos entender discursos como verdades produzidas que após serem ditas tomam corpo, interferindo no modo de funcionamento da sociedade. Nesse texto, por exemplo, problematizamos os modos como são produzidos os discursos sobre a favela e os efeitos que esses discursos provocam tanto na população que nela reside quanto naqueles que, a vendo de fora, são ensinados a teme-la.

Segundo Fernandes e Costa (2009), o termo favela costuma referir-se a um espaço constituído por habitações aglomeradas, muitas vezes ilegais, estabelecidas em áreas com vários becos e vielas em que os serviços públicos são precários (luz, água, esgoto, escola, transporte, lazer). Uma das vertentes discursivas analisa a precarização desses territórios como uma ausência de Estado. Contudo, a forma como as favelas são governadas não corresponde a uma gestão incompetente ou a uma falha na oferta de serviços. A carência de estrutura nas favelas é resultado do modelo de política que é planejado para aquele tipo de território. Manter as pessoas na pobreza, sem acesso a serviços básicos e à mercê da violência bélica dos governos e de grupos que comercializam drogas ilícitas, em geral em relação com grupos dos governos, que acabam exercendo domínio nesses lugares, é um objetivo de governo e não uma incompetência. Tal entendimento coaduna com a

percepção de Foucault (1979, p.283-284) ao definir governo como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las não ao bem comum, como diziam os textos dos juristas, mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar, o que implica uma pluralidade de fins específicos que se voltem ao fortalecimento do próprio governo.

São diversas as situações que expõem o quão o Estado é autocentrado em sua própria racionalidade e modo como ele exerce o poder a partir do controle biopolítico sobre a população. Como salienta Simões (2021, p. 157), a produção do discurso sobre a necessidade de segurança, por exemplo, tornou-se um mecanismo muito utilizado pelo Estado para encobrir práticas racistas em nome de uma racionalidade pela paz. Contudo, é notório que esse desejo de paz é seletivo e manter o discurso de paz para uns significa inviabilizar qualquer possibilidade de paz para muitos outros.

Coimbra (2001) nos relembra que a origem das favelas é marcada pelo processo de gentrificação, que historicamente empurra famílias pobres para viver em regiões periféricas. Segundo a autora:

Na história das cidades constata-se como tais territórios, à medida que são valorizados economicamente, têm suas populações empurradas para outras regiões menos importantes. As chamadas "periferias pobres" sobrevivem sem as mínimas condições de saneamento básico, moradias, transportes, etc. - espaços onde, segundo o discurso hegemônico, vicejam a violência, o banditismo, a criminalidade (COIMBRA, 2001, p. 81).

Desde o final do século XIX, quando o centro da cidade concentrava grande quantidade de pessoas pobres morando em cortiços, uma série de informações passou a ser publicizada classificando aquela região como sinônimo de criminalidade e de doenças. Tal iniciativa era parte de um conjunto de mudanças urbanísticas que apostou no embelezamento de uma região para obter lucros com sua exploração imobiliária. Assim, o governo conquistou apoio popular para que aquelas moradias fossem demolidas e seus moradores removidos para outras regiões da cidade, afastando os supostos riscos de contaminação.

As produções subjetivas em torno do que se compreende como favela induziram e até hoje instigam as práticas de intervenções nesses tipos de território. Os moradores das favelas são vistos como responsáveis pela insegurança da cidade, afetando as políticas públicas de urbanização, de saúde, educação e principalmente de segurança. Ou seja, “os discursos fundamentam as intervenções e as intervenções legitimam o discurso”

(GONÇALVES, 2019, p.118). Como estratégia política, foi-se fabricando um saber acerca da favela que viria a incorporar grande parte da literatura sobre a pobreza e sobre o modo de compreender e de olhar para a favela.

A favela é produzida e publicizada de tal modo que as pessoas de fora a vejam como ‘um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação’, tal qual a cidade do colonizado, descrita por Fanon (1968). A partir da análise do Fanon, é possível fazer uma correlação entre o modo como os moradores de favela são tratados e as práticas que eram aplicadas nos campos de concentração e extermínio, nos que eram aprisionados e descartados aqueles indivíduos que não interessavam ao comando nazista fazer viver.

Tanto a presença da polícia quanto dos comerciantes de drogas ilícitas de alguma forma afeta e molda a subjetividade das pessoas que vivem no território. Quando dizemos isso, referimo-nos à maneira como os moradores precisam se comportar dentro da favela devido às repressões e/ou violências cometidas pelos grupos que vendem drogas ilícitas, como também às constantes violações cometidas por parte da polícia (abordagens autoritárias, tapas na cara, arrombamento das casas sem ordem judicial, destruição de carros que ficam nas calçadas, presença do caveirão invadindo as ruas, etc).

Nesse contexto de permanentes climas de tensão e vigilância que acometem esses territórios, associado à presença de grupos que comercializam drogas ilícitas e ao discurso que as mídias difundem sobre a favela, a subjetividade dos moradores acaba por ser moldada. Podemos entender subjetividade como modos de ser, de desejar, de agir, de perceber o mundo. Guattari e Rolnik (2005) afirmam que nossa subjetividade é produzida através de:

[...] tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística - tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam - não é apenas uma questão de ideia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.35).

O dia a dia da população que vive em favelas, sobretudo pessoas de pele preta, tornou-se cenário de filme de terror. As intensas operações policiais, que se dizem estratégicas para a proteção da população e eliminação de perigos, se dão colocando em risco e ameaçando a vida das pessoas que residem nas regiões mais pobres. Num território

em que se acredita ser zona de concentração de ‘bandidos’ e pessoas perigosas, torna-se irrelevante a imprecisão dos tiros disparados do alto de um helicóptero ou de uma torre de controle. De acordo com Silva (2021, p. 93), o controle exercido de forma tirânica através do uso dos armamentos e as constantes violações sofridas podem produzir um morador de favela amedrontado, silente, dócil, etc, ou até mesmo o contrário disso tudo. Tais práticas denotam que essa proteção e eliminação de perigos é uma política destinada apenas para certa parte da população.

Scheinvar (2008, p. 6) enfatiza, inclusive, que não é a pobreza o problema, mas estar fora da ordem, seja por ser pobre, seja por ser ‘desviado’. O Estado não implementa ações contundentes para erradicar a pobreza, mantém os pobres cada vez mais às margens e reclama que eles vivem como pobres: “com suas aspirações, com suas estratégias de sobrevivência, com seus sonhos, sob condições de extrema dificuldade e adversas à vida, que levam a que eles, os pobres, sejam reconhecidos como violentos” (SCHEINVAR, 2008, p. 6).

A forma com que o morador de favela vive incomoda pois difere de um modelo de comportamento aceito como normal, passando a ser classificado como torto e, sendo torto, pressupõe-se que há uma correção que precisa ser feita. Todavia, como ter uma vida dentro dos padrões normalizados quando já se acorda com um tiroteio na porta de casa, por vezes articulado com as forças do Estado ou sob sua anuência? Não é esse mesmo Estado que se diz uma organização incumbida de cuidar, proteger e levar segurança à população? E quem protege a população que mora nas favelas? Como essas pessoas vão sobreviver tendo que se proteger até de quem, de acordo com o discurso liberal, deveria estar lhes protegendo?

Na cidade do Rio de Janeiro, não por acaso, tal subjetividade tem sido produzida e disseminada de modo a criminalizar os moradores das favelas, pois uma vez subjetivada na condição de ‘bandidos’, a população que vive nas favelas tem sido alvo constante de uma política de morte, sobretudo sob um governo do estado que se identifica com a ideia de que ‘bandido bom é bandido morto’. O enquadramento de quem deve ser considerado como criminoso tem escancarado o racismo de Estado. Os policiais têm tido cada vez mais autonomia para maltratar e atirar para matar quem eles considerem ‘bandidos’, ou mesmo ‘suspeitos’. Como afirma Simões (2021, p. 73), tudo isso sob aplausos de uma

população capturada por esse discurso subjetivamente produzido de que é preciso eliminar os perigos.

Esse discurso sobre segurança, como apresenta Foucault (2008), é um potente dispositivo que produz modos de subjetivação fundamentais para criminalizar certos grupos de pessoas e gerar demandas por maior intervenção e controle. Como consequência, a sociedade começa a se sentir desprotegida e passa a defender que o Estado utilize seu aparato policial para invadir os territórios tidos como perigosos para instaurar a paz. A força desse discurso captura, inclusive, a própria população da favela que será alvo das intervenções violentas daquele mesmo Estado.

Os dispositivos midiáticos, sustentados pelos interesses econômico-empresariais, quase sempre atuam de forma associada à prática violenta do Estado. Ao retratar de forma positiva a atuação de policiais em operações nos territórios de favela, difundem a farsa de que tais ações visam o combate ao tráfico de drogas e armas. O que não se mostra nessas mídias são os efeitos dessas políticas no dia a dia da população que reside nessas zonas periféricas. Como é para essas pessoas ter que naturalizar a convivência com os constantes momentos de tensão e riscos de morte com os tiroteios na porta das suas casas?

A produção de subjetividade fabricada a partir dos discursos hegemônicos e difundida por essas mídias produz o desejo de naturalização da “guerra ao tráfico” como solução para o problema das drogas, da violência, e dos comerciantes de drogas ilegais. Então tem-se a ideia de que depois da guerra haverá paz e segurança na sociedade. Essa produção atinge não só os que moram fora da favela, mas também boa parte dos que nela moram. Quando o morador de favela olha o seu entorno e de certa forma se vê cansado de conviver com armamentos bélicos, intensos tiroteios, seja por parte da polícia ou de grupos armados que moram na favela, ele vê no discurso da mídia uma confirmação daquilo que seus olhos presenciaram e acredita que a solução é as incursões policiais, mesmo que para isso toda a favela sofra as consequências dessa política violenta. Assim, tem sido cada vez mais comum encontrar declarações raivosas nas redes sociais, nas rodas de amigos ou mesmo em grupos da família, repetindo expressões como “bandido bom é bandido morto”, “direitos humanos para humanos direitos” e “quem quiser defender bandido que leve ele para sua casa”.

Como defende Simões (2021, p. 5), nessa mesma perspectiva do Estado que em sua racionalidade oferece um discurso de liberdades e em paralelo exerce um controle

biopolítico dos limites de liberdade da população, ele também produz um discurso sobre perigo e necessidade de segurança ao mesmo tempo em que se coloca como instituição responsável por promover a paz. Mas de quem a população precisa ser protegida? Ou qual parte da população precisa ser protegida?

Ao persistir com o discurso da guerra ao tráfico de drogas e armas, o Estado conquista ainda mais apoio popular para normalizar a prática violenta e discriminatória nas favelas. Enquanto isso, a vida do morador de favela vai sendo flagelada em nome de uma proteção da vida do resto da população, mesmo diante de fatos como esse que mostram que, caso o Estado estivesse mesmo interessado em combater o comércio ilegal de drogas, o alvo das operações precisaria ser modificado.

Foucault (1996) aponta para o princípio de exclusão nos discursos e ilustra que o discurso do louco desde a alta idade média não circulava como os demais, pois muitas vezes as palavras deles eram julgadas como inúteis e não eram consideradas. Nessa mesma perspectiva apontada por Foucault, os relatos dos moradores de favelas denunciando os processos de violência e descaso que enfrentam no cotidiano acabam sendo atribuídos a um lugar de não verdade e não importância, e portanto, não são vistos como contraponto do discurso produzido hegemonicamente. Contudo, apesar de toda violência e do terror espalhados nas favelas através da política de morte instituída, alguns movimentos de luta e resistência emergem nesses territórios dando fôlego para uma (re) afirmação da vida.

Pequenos grupos de moradores de favela têm buscado afirmar suas potências a partir de iniciativas dialógicas, integrando os vizinhos num chamado à luta por sobrevivência. Em meio a tantas situações de sofrimento nos deparamos com relatos de esperanças ao ver brotar articulações entre moradores para construção de alternativas de autocuidado e autoproteção. Experiências de mobilização comunitária que, mesmo não se intitulando movimentos de resistência, representam a luta de um povo para manter-se vivo.

Todo esse cotidiano de vulnerabilidade que assola a vida em favela afeta diretamente a vida das crianças, que têm cerceadas as possibilidades de brincar tranquilamente nas ruas devido ao constante clima de guerra com os recorrentes tiroteios e a presença de policiais no entorno das suas moradias (e muitas vezes dentro delas). Foi pensando nesses efeitos da violência e da precarização na rotina das crianças que, no ano

de 2015, um grupo de moradores do Complexo de Favelas de Manguinhos resolveu se organizar para realizar atividades recreativas, lúdicas e culturais com elas. Nascia ali o projeto ‘Recriando Manguinhos’.

Segundo moradores envolvidos no projeto, tornou-se comum ouvir reclamações de crianças de que, no horário em que não estavam na escola, tinham medo de brincar nas ruas e nas praças próximas às suas casas. Assim, o grupo de vizinhos reuniu adultos interessados em se revezar para, nas tardes de sábado, realizar diferentes tipos de brincadeiras com as crianças daquele território utilizando objetos, jogos, músicas, atividades de desenho, pintura, escrita, dentre outros.

Buscando compreender como funcionavam essas atividades recreativas e se de algum modo as crianças manifestavam suas percepções sobre esse cotidiano violento do bairro, tivemos acesso a um arquivo de materiais produzidos pelas crianças do projeto¹. Eis que ficamos sensibilizados ao manusear algumas pinturas e desenhos nos quais as crianças transcreveram parte das suas memórias e sentimentos a respeito da vida em favela. Não conseguimos muitos exemplares pois nos foi informado que ao final das atividades as crianças podem levar os trabalhos para casa e outros são entregues às famílias numa confraternização que a equipe coordenadora do projeto costuma organizar nos finais de ano.

Junto a um conjunto de papéis com desenhos, pinturas e colagens, nos foi entregue uma espécie de panfleto que explicava que o projeto ‘Recriando Manguinhos’ tem como proposta trabalhar com crianças de 06 a 14 anos através de atividades como música, contação de histórias e artes diversas e que possui cinco objetivos pré-definidos:

- Contribuir com a formação sobre direitos, a partir da realidade local de Manguinhos, por meio da arte, cultura e educação;
- Estimular uma cultura de participação comunitária e solidariedade dos jovens e das crianças;
- Dialogar com outros espaços educativos como continuidade formativa desses jovens e crianças;

¹ O acesso ao material com os desenhos das crianças se deu a partir da parceria de trabalho entre um dos autores desse artigo e a coordenadora do projeto "Recriando Manguinhos, no seio do qual os desenhos foram produzidos.

- Contribuir com o processo criativo, imaginário e atuante dos jovens e das crianças;
- Estimular políticas públicas para crianças e jovens a partir do diálogo com experiências do território.

Além dessas informações o panfleto continha algumas imagens que reúnem fotos de atividades desenvolvidas com as crianças, tanto no próprio território quanto em passeios por outras áreas da cidade:

Figura 1: Fotos de passeios realizados com as crianças do projeto:



Fonte: Panfleto do arquivo pessoal do ‘Recriando Manguinhos’.

Figura 2: Fotos de brincadeiras realizadas com as crianças do projeto:



Fonte: Panfleto do arquivo pessoal do ‘Recriando Manguinhos’.

Figura 3: Fotos de brinquedos produzidos pelas crianças em atividades do projeto:



Fonte: Panfleto do arquivo pessoal do 'Recriando Manguinhos'.

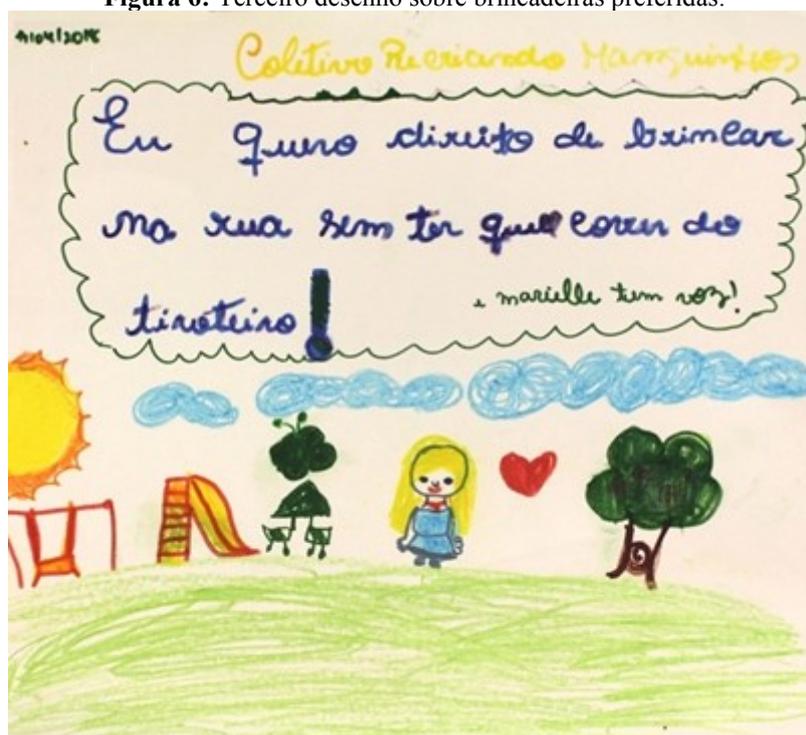
Após análise do conteúdo do panfleto, identificamos um material produzido pelas crianças numa atividade em que elas foram demandadas a representar em forma de desenhos quais seriam as suas brincadeiras preferidas.

A seguir apresentamos alguns desses desenhos nos quais é possível observar que, além da representação das suas relações afetivas com familiares e vizinhos e das rotinas no dia a dia em seu território, as crianças acabam por reproduzir alguns discursos que lhes chegam como verdades, como o da cultura da paz, da justiça e do próprio encarceramento como solução para os problemas enfrentados no cotidiano da favela.

Já no primeiro desenho analisado uma das crianças enfatiza seu desejo de querer brincar em paz, sem tiroteio, de forma livre:

O terceiro desenho já é mais colorido e, apesar de não conter cenas de violência, traz em destaque uma frase na qual a criança reivindica seu direito de brincar na rua sem ter que correr de tiroteio. No mesmo desenho ela faz uma referência à vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018².

Figura 6: Terceiro desenho sobre brincadeiras preferidas:



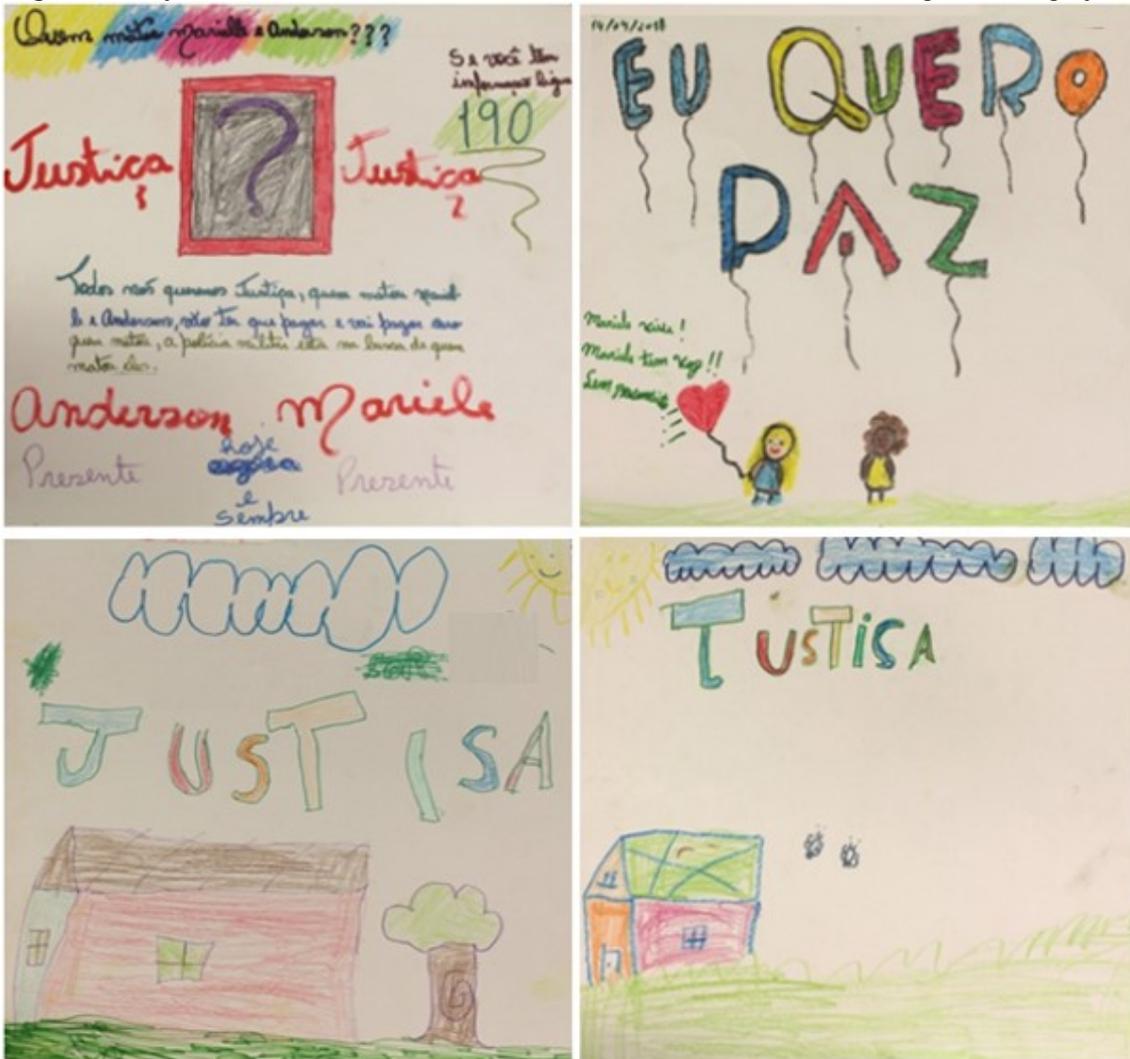
Fonte: Arquivo pessoal do projeto 'Recriando Manguinhos'.

Outros desenhos a que tivemos acesso também faziam referência ao assassinato da Marielle. De acordo com uma das coordenadoras da atividade desenvolvida, a morte da vereadora foi bastante repercutida nas comunidades de Manguinhos, especialmente por ela ter nascido num complexo de favelas vizinho a eles e também por ela ter desenvolvido atividades naquele bairro durante seu mandato, inclusive em parceria com a equipe do projeto. Assim, a equipe de recreadores resolveu fazer uma atividade para abordar esse assunto com as crianças.

² Em 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco teve sua 'mandata' interrompida por um brutal assassinato que alcançou grande proporção na mídia internacional. O atentado que tirou a vida da vereadora ocorreu dias após ela publicizar nas redes sociais denúncias sobre ações violentas da polícia em comunidades periféricas da cidade. Como membro da Comissão Especial de acompanhamento da intervenção federal, Marielle estava recebendo relatos de moradores sobre abusos de policiais do batalhão do bairro de Acari, conhecido como o batalhão que mais mata no Rio de Janeiro.

Como se pode observar nas figuras, as manifestações das crianças são carregadas de afeto, mas também trazem mensagens com pedidos por paz e justiça:

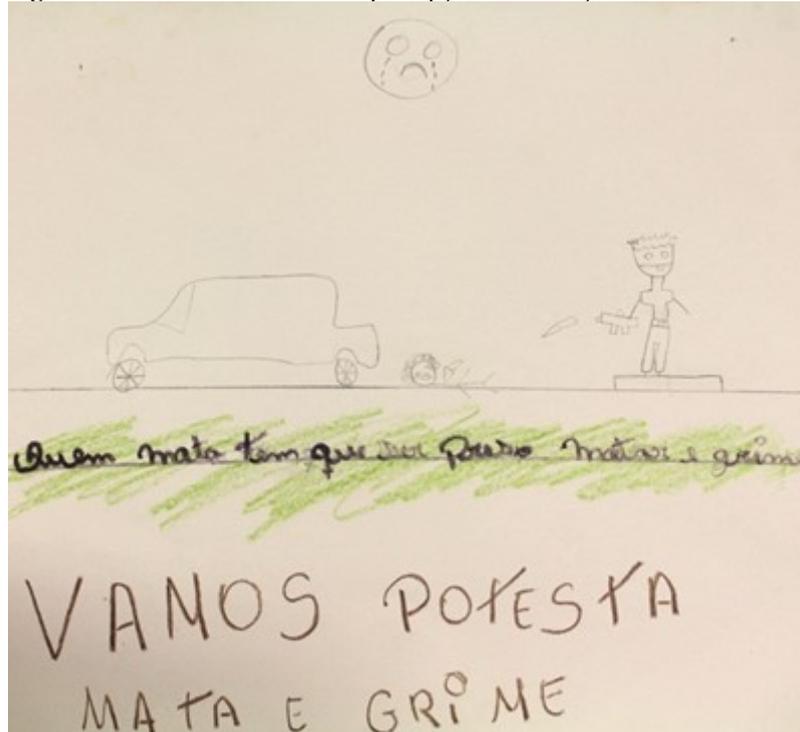
Figura 7: Conjunto de desenhos relacionados à morte da vereadora Marielle Franco, parceira do projeto:



Fonte: Arquivo pessoal do projeto ‘Recriando Manguinhos’.

Nos materiais seguintes é possível identificar outros elementos que aparecem na memória das crianças e que se relacionam ao contexto de violência tão constante no território onde elas vivem. No desenho abaixo, por exemplo, a criança retrata uma cena de um assassinato e logo depois convoca um protesto, enfatizando seu entendimento de que matar é crime e “quem mata tem que ser preso”:

Figura 8: Desenho relacionado à percepção das crianças sobre a violência:



Fonte: Arquivo pessoal do projeto 'Recriando Manguinhos'.

No último desenho que nos foi disponibilizado, a criança retrata um homem encarcerado e três mulheres que estão aparentemente pensando neste homem com afetividade.

Figura 9: Desenho relacionado à da família com o tema da violência:



Fonte: Arquivo pessoal do projeto ‘Recriando Manguinhos’.

Os desenhos aqui apresentados são exemplos de como a vida dessas crianças é afetada pela prática da violência em seu território e das constantes intervenções armadas do Estado na porta de suas casas e escolas. Situações como assassinatos, encarceramentos e o perigo de brincar nas ruas aparecem de forma recorrente no pensamento delas, assim como o desejo de justiça. A realidade dessas crianças se faz presente nos desenhos, mostrando afetos, cenas e impactos que compõem uma ordem discursiva da experiência cotidiana.

Colocando em análise o modo como os conceitos de justiça, crime e prisão aparecem nos discursos dessas crianças, é possível perceber o quão suas vidas são atravessadas por discursos hegemônicos que reproduzem regimes de verdade em que pesam as relações de poder. Contudo, é perceptível o conflito de ideias quando esse discurso esbarra no sofrimento diário vivido por essas crianças. Ao lidar com o tema do encarceramento, por exemplo, é possível identificar que o discurso da prisão como solução para a violência se modifica quando a pessoa que supostamente cometeu um crime é alguém por quem a criança tem uma relação de afeto.

Em repetidos discursos clamando por paz e justiça na expectativa de poder brincar sem ter medo da violência, elas demonstram que compreendem a justiça a partir do poder

de intervenção do judiciário ou do executivo para modificar as relações que têm vivido no território. Essas inferências demonstram que o raciocínio dessas crianças é motivado pelo discurso de que a possibilidade de enfrentar e mudar a realidade em que vivem se daria pela via da institucionalidade dos aparelhos de estado, sem problematizar que é esse mesmo aparelho que produz essa situação de violência no território, criminalizando seus moradores. Como afirmam Aguiar e Berzins (2014, p. 441), a criminalização da pobreza é uma prática discursiva contemporânea que cria as condições para incursões violentas de agentes de segurança pública nas áreas mais pobres. Tal prática tem sido escancarada das formas mais brutais, que vão além do uso da força.

As marcas da política de morte instituída nas favelas como forma de governo tornaram-se parte do cotidiano daquelas crianças que veem no projeto “*Recriando Manguinhos*” uma oportunidade para ressignificar as dores e os medos provocados pelo constante clima de violência presente no local onde vivem. Essa iniciativa é um exemplo de luta dos pais e vizinhos que acreditam na força do coletivo como dispositivo para sobreviver e amenizar os efeitos dessa descontrolada política de terror na vida das crianças da favela, assegurando-lhes um espaço para poder brincar em paz.

A existência desses espaços e movimentos de resistência configura-se como uma oportunidade de desconstrução dos discursos hegemônicos sobre o cotidiano das favelas, possibilitando uma visão crítica da violência e a valorização dos espaços públicos, como questão de cidadania.

Contribuição

Gabriel Lima Simões: Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição; **Michelly Ferreira da Silva:** Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição.

Referências

AGUIAR, Kátia; BERZINS, Felix. Habitar as bordas e pensar o presente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 437-448, jul./set. 2014

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Operação Rio:** o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FERNANDES, Tania Maria; COSTA, Renato Gama-Rosa. **Histórias de pessoas e lugares**: memórias das comunidades de Manguinhos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. v. 1. 230 p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. Loyola. São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONÇALVES, Mariana Alves. **Psicologia favelada**: ensaios sobre a construção de uma perspectiva popular em psicologia. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Sueli. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005

SCHEINVAR, Estela. O conselho tutelar como dispositivo de governo. *In*: I COLÓQUIO NACIONAL MICHEL FOUCAULT: EDUCAÇÃO, FILOSOFIA, HISTÓRIA - TRANSVERSAIS, 2008, Uberlândia. **Anais** [...] Uberlândia: UFU, 2008. Disponível em: <<http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/estela/conselhotutelarcomodispositivodogoverno.pdf>>.

SILVA, Michelly Ferreira da. **Que tiro foi esse?** O medo na favela como ele é. 2021. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SIMÕES, Gabriel Lima. **“Isso não pode ser normal”**: A vida em favela sob o olhar de um corpo em desalinho. 2021. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Recebido em: 04 de abril de 2022

Aceito em: 20 de julho de 2022

Publicado em agosto de 2022

Gabriel Lima Simões
E-mail: biellsimoes@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2342-934X>

Michelly Ferreira da Silva
E-mail: michellyfsilva@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1680-4276>